

“OS NOVOS PROLETARIADOS DO MUNDO NA VIRADA DO SÉCULO”¹

Clodóvio Melo e Alex Mourão

A intenção inicial deste artigo, cujo tema é ‘Os novos proletariados na virada do século’, é mostrar quem são e como estão os que Marx convencionou chamar de proletariado, no final do século XX e início do século XXI.

Com esse objetivo achou-se por bem mostrar inicialmente, para uma melhor compreensão do leitor que possa vir a ter acesso a este trabalho, os caminhos históricos que levaram ao aparecimento do capitalismo e conseqüentemente ao aparecimento do proletariado. E, a partir daí, tentar desmistificar qual a influencia que o capitalismo e suas crises cíclicas tiveram ou tem sobre as mudanças ocorridas na reestruturação do trabalho.

Recorreu-se a ajuda do materialismo histórico dialético, como instrumento metodológico para tal empreitada, buscando na historicização meios e dados para organizar de maneira cronológica os (dê)s caminhos percorridos pela classe proletariada deste seu surgimento, no final do feudalismo, até os nossos dias, com o aparecimento da globalização. E que fenômenos sociais ocorreram neste lapso de tempo, não esquecendo de citar os conflitos de classe que são inerentes desse ambiente.

Assim se fará um passeio prazeroso pelos caminhos históricos e sociológicos que ajudaram a formar a noção de como foi se configurando e se reconfigurando a classe de proletários e que agora se expandiu para a classe de todos trabalhadores, ociosos ou não, que foram transformados, nos novos proletariados do final do século XX e início do século XXI..

Na virada do século XX, os proletariados existentes tinham, e ainda têm, uma conceituação diferente do que significava essa classe nos séculos anteriores; tal conclusão se deve principalmente a reestruturação do trabalho, causada por uma mudança necessária, e cíclica, para a sobrevivência do sistema capitalista, que é o ambiente do nosso tema de discussão.

Na visão de Ricardo Antunes, em ‘Os sentidos do Trabalho’, o capitalismo lança mão de sua crise para se reestruturar e se reerguer, assim:

A crise capitalista não é outra coisa senão a ruptura de dominação de classe relativamente estável. Aparece como uma crise econômica, que se expressa com a queda da taxa de lucro. Seu núcleo, entretanto, é marcado pelo fracasso de um padrão de dominação estabelecido (...). Para o capital, a crise somente pode encontrar sua resolução através da luta, mediante o

¹ Artigo exigido como avaliação na disciplina Sociologia Geral e Aplicada às Ciências Contábeis do Centro de Ensino Superior do Amapá no Curso de Ciências Contábeis. Julh/2007.

estabelecimento da autoridade e através de uma difícil busca de novos padrões de dominação (HOLLOWAY apud ANTUNES, 2001, p. 31).

Isso apenas reforça que a formação ou reformulação das classes sociais está ligada ao sistema social ao qual está vinculada, no caso em questão: ao capitalismo.

Desta forma, achamos necessário para que tenhamos uma visão holística sobre o assunto que entremos nos meandros do materialismo histórico dialético e, a partir dele, compreendermos como e por que essas mudanças ocorreram.

Com esse enfoque, é necessário citar que na antiguidade da humanidade, quando do aparecimento do trabalho, do trabalho assalariado, da exploração do trabalho individual e, mais além, com a eclosão da revolução industrial com a exploração indiscriminada do trabalho em massa, não demorou para que esses indivíduos, que se acharam usados, se agrupassem, se manifestassem e exigissem outro tipo de tratamento.

A esse respeito Marx declarou em seu ‘manifesto comunista’:

A historia de todas as sociedades que já existiram é a história de luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, chefe de corporação e assalariado; resumindo, o opressor e o oprimido estiveram em constante oposição um ao outro, mantiveram sem interrupção uma luta por vezes aberta – uma luta que todas as vezes terminou com uma transformação revolucionária ou com a ruína das classes em disputa (MARX, 2006, p. 9).

Analisando esta afirmação, para Marx, as lutas entre as classes dominadas e dominadoras sempre existiram e, ratificando o que Antunes escreveu, transformam as realidades dessas classes de acordo com desenrolar deste conflito ou embate. Isso nos leva a crer que esse conflito entre os detentores do poder e os que vendem sua força de trabalho determina as variações do trabalho. Isso mostra a dominação entre as classes sociais, não esquecendo que ela pode ser compreendida com o paradoxo: fugaz/eterno.

Então já na Roma Antiga com seus patrícios, cavaleiros, plebeus e escravos; na Idade Média com seus senhores feudais, vassalos, assalariados e servos; na Idade Moderna, que nasceu dos destroços, de suas anteriores, com sua burguesia e proletariado, praticamente bipolarizando as lutas de classes.

Aqui cabe se fazer um adendo ao que afirmou Marx: ‘uma luta que todas as vezes terminou com uma transformação revolucionária ou com a ruína das classes em disputa’, entende-se que as transformações revolucionárias realmente existem, porém quanto a ruína das classes, não concordo visto que apenas uma ganha; se a vencedora for a que exerce o

poder, não há variação, mas se vencer a que está subjugada, esta usurpa o poder e o ciclo recomeça de maneira inversa.

Tendo esclarecido este ponto, passemos a falar sobre como era a classe de proletários da época da revolução industrial e como esta se configura nos dias atuais, ou seja, como são os novos proletariados.

Para Marx, a origem do capitalismo e conseqüentemente o aparecimento da burguesia e do proletariado, veio do declínio do feudalismo, os senhores feudais e servos, que por terem acesso ao capital, ambos de maneiras diferenciadas recebiam pela expropriação do trabalho dos camponeses, compuseram a emergente burguesia e os camponeses expropriados das terras onde trabalhavam foram incorporados pelas fábricas e formaram a grande massa trabalhadora, que posteriormente foi denominada por Marx como proletariado.

Mas como era a vida de trabalho desses nascentes proletários? Não existia qualificação alguma, eram arrebanhados pelos donos dos meios de produção, trabalhavam em condições insalubres, com carga horária altíssima - que ultrapassavam 14 horas diárias, mulheres e crianças trabalhavam nas mesmas condições e recebiam salários muito inferiores aos dos homens adultos, que também recebiam baixos salários.

Pelo fato de não haver treinamento específico e de trabalharem em ambiente insalubre e, ainda, da estafa causada por uma carga horária dilatada, muitos trabalhadores neste período sofriam acidentes de trabalho, alguns gravíssimos com amputações de membros do corpo, e eram substituídos por outros, que esperavam sua vez de trabalhar, compondo um imenso exercito de reserva, que eram aqueles que não conseguiam emprego, mas que estavam à disposição para trabalhar.

Neste ambiente é que brotou os primeiros ensaios de um sentimento de união da classe trabalhadora, que mais tarde culminaria na criação dos sindicatos, que seriam muito fortes na defesa dos interesses de classe.

Este era o perfil do proletariado, nos seus primórdios.

Já com o capitalismo em pleno vapor, e sabemos que este sistema sobrevive de crises cíclicas, como comentamos anteriormente, com o avanço tecnológico e a necessidade de geração de mais lucro com menos custos; houve a necessidade de uma remodelação no modo de produção, e isso influenciou na vida e nas ações de trabalho da classe proletária.

Foi então implantado um modelo de produção que zelava pela sincronia do trabalho e pelo ataque ao desperdício na produção, seja ele material ou temporal.

Atunes assim referiu-se sobre o assunto:

De maneira sintética, podemos indicar que o binômio taylorismo/fordismo, expressão dominante do sistema produtivo e de seu respectivo processo de trabalho, que vigorou na grande indústria, ao longo praticamente de todo século XX, sobretudo a partir da segunda década, baseava-se na produção em massa de mercadorias, que se estruturava a partir de uma produção mais homogeneizada e enormemente verticalizada. (...) (ANTUNES, p. 36, et seq.)

Antunes fala do processo produtivo que se implantou no início do século XX, mudando a rotina de trabalho nas grandes indústrias. O proletariado já nesta época conseguira avanços por conta do fortalecimento da consciência de classe e do fortalecimento sindical.

Porem, o capitalismo na busca incessante pela maximização da mais valia, inova e reestrutura seu modo de produção e cria um sistema denominado fordismo, que é a setorização do sistema de produção. O fordismo massifica e homogeneiza a produção.

Neste momento o proletariado tem na sua maioria os trabalhadores industriais, como preconizava Marx. O retrato da classe proletariada é aqui o seguinte: trabalhador com pouca ou nenhuma qualificação, porém necessita ser treinado, exercito de reserva, desemprego sazonal.

Com o fordismo o capitalismo experimentou o máximo de rendimento e de acumulação de capital, o que neste sistema é um indicativo de crise iminente. Assim, a crise aconteceu e fez emergir o novo trunfo do capitalismo: a globalização.

A globalização com sua tecnologia e inovação, expandiu-se pelo mundo todo e trouxe muita coisa boa, como a comunicação em tempo real e interligação mundial pela internet, telefone celular e muito mais, porém para a classe trabalhadora, que é o nosso enfoque, trouxe muitas mudanças e talvez não sejam tão boas.

As entidades, em tempos de globalização, exigem qualificação profissional, o que para os jovens é péssimo, pois estes precisam passar mais tempo se qualificando, como cita Sonia Larangeira, na 'Revista Ser Social':

Talvez a explicação mais plausível esteja no fato de que, em economias onde a oferta abundante de trabalhadores, os empregadores podem dar-se ao luxo de escolher os mais qualificados, ainda que continuem existindo trabalhadores pouco ou não qualificados. Estes, porém, tendem a constituir o chamado rol de empregos contingentes. Nesse sentido, há um temor, no mundo industrializado, de que a redução do emprego formal, como maneira de ingresso no mercado de trabalho e de possibilidade de construção de uma carreira, acabe por excluir os jovens da participação efetiva no mercado de trabalho formal (...) (LARANJEIRA, 1999, p. 24)

As considerações feitas por Laranjeira, reforçam o que acabou por acontecer a essa parte da classe proletariada, que se viu excluída do mercado de trabalho. E que em

determinados casos, pela falta de pecúnia, fruto da troca pela sua força de trabalho, acaba por se enveredar pela marginalidade.

Ainda neste tópico, Ângela Mascarenhas, na sua obra 'O trabalho e a identidade política da classe trabalhadora' aborda o mesmo assunto da seguinte forma:

Os requisitos mudaram e quem quiser permanecer contando com alguma oportunidade no mercado de trabalho precisa adaptar-se às novas exigências. Espera-se do novo trabalhador que ele seja mais escolarizado, participativo e polivalente. O que, no entanto, podemos observar é que há uma intensificação do trabalho e ao mesmo tempo uma desqualificação. (MASCARENHAS, 2002, p. 11)

Ao tópico, Mascarenhas acrescenta que existe uma desqualificação dos trabalhadores efetuada por causa de um imenso exercito de reserva, que agora é tratado como massa ociosa. Mas, não foi apenas isso que esse novo formato de produção trouxe de danoso para os novos proletários, houve um aumento considerável no setor de serviços, graças ao plano das entidades de enxugar o quadro de trabalhadores e assim diminuir o custo, como também as responsabilidades sociais com os mesmos.

Os trabalhadores que perdem o emprego ficam sem ter outra oportunidade de trabalho à vista, surgindo assim o que se conceituou como desemprego estrutural, de acordo com Laranjeira:

(...) Convive-se, hoje, com o crescimento do desemprego estrutural, ou seja, do desemprego de longa duração, distinto do desemprego temporário característico do período anterior, associado à grande indústria e que resultava de ciclos econômicos recessivos, recuperando-se à medida que a atividade econômica voltasse crescer (...) (LARANJEIRA, 1999, op sit., p. 24 et seq.)

Isso gera o que se afirmou anteriormente, as degradações causadas pela falta de segurança do emprego e pela aparição do desemprego estrutural. Que levou os trabalhadores a procurarem formas de garantir o emprego, mais isso foi também usado como instrumento de barganha pelos detentores do poder, que percebendo o interesse dos trabalhadores em permanecer empregados e o imenso contingente de reserva, criou a flexibilização do trabalho, que nada mais é do que um retrocesso de direitos para os proletariados.

Assim terminamos o redesenho do proletariado nascente no final do século XX: com seus poucos direitos sendo expropriados, com grande massa de desempregados, exclusão dos jovens do mercado de trabalho, a criação da flexibilização do trabalho e o desemprego estrutural.

Mas existe, ainda, esperança de dias melhores para essa classe social e sabe-se que eles são fator importante para o capitalismo, visto que ainda não foram excluídos pelo

sistema, e que com consciência podem, como dizia Marx, fazer uma revolução social e se livrar deste estigma de expropriação que vem sofrendo por todos esses séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos dispusemos a investigar, e a partir dessa investigação conseguimos perceber o quanto de conhecimento podemos desmistificar e incorporar como conhecimento tácito, vislumbramos um mundo de conhecimento a ser abstraído e estudado, que para nós, enquanto buscadores e criadores de conhecimento, é algo que nos parece abeirar ao fantástico.

Assim, ao nos dedicarmos na investigação de como e por que a classe proletariada sofreu tantas transformações ao longo do desenvolvimento do capitalismo e qual seria o perfil dessa classe ao final do século XX e início do século XXI, constatamos que a metamorfose do sistema capitalista, exigida para superação das crises cíclicas que marcam a perpetuação desse sistema, gera no proletariado uma pressão descomunal, bem maior que a dimensão das mudanças ocorridas no capitalismo no mesmo período.

Tal pressão cria obstáculos para que os proletários deste período continuem com a organização pré-existente e os forçam a se readaptar para continuarem tendo acesso ao trabalho, objeto principal de caracterização da classe. Ademais, o capitalismo cria mecanismos que acabam dificultando a vida dos que pertencem a classe trabalhadora, na busca pela redução dos custos e maximização da mais valia, porém os proletários sobrevivem visto que assim como as crises, são elemento essencial para a perpetuação do capitalismo.

O proletariado se adapta, se transforma, se impõe; perpetuando a luta de classes que é típica da raça humana, mesmo que esses conflitos em alguns casos aconteçam em diferentes ambientes e se desenvolvam ora com sutilezas ideológicas e ora com embates típicos das revoluções mais escancaradas.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2002

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto Comunista**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MASCARENHAS, Angela Cristina Belém. **O trabalho e identidade política da classe trabalhadora**. Goiânia: Alternativa, 2002.